

dançar no dorso das ondas: nietzsche e a arte de viver

tony hara

*Dança agora sobre mil dorsos,
Dorsos de ondas, malícias de ondas —
Salve quem novas danças cria!
Dancemos de mil maneiras,
Livre — seja chamada a nossa arte
E gaia — a nossa ciência!*

Nietzsche

Os livros que nos levam além dos livros são aqueles escritos com sangue. Escritos com o corpo que vibra, sente, pensa e reage aos encontros e aos venenos da vida. Aproximam, de uma maneira invulgar, a experiência singular e pessoal — de um corpo que respira e conspira —, da reflexão filosófica. Entendendo aqui a filosofia como modo de conduzir a vida, de transformar a si mesmo, de transfigurar o mundo através do pensamento e não como sistema, doutrina ou via de acesso à verdade eterna, imutável e

Tony Hara é jornalista e doutor em História da Cultura pela UNICAMP.

universal. São obras que falam à vida porque seus autores ousaram converter a própria existência em um meio de conhecimento. Ao leitor não caberia a obediência e a repetição mecânica de sábias orações e sentenças, mas um voltar-se a si, uma ação contra si a fim de abalar os valores e os ideais que foram herdados e que ficaram impregnados na memória, nos hábitos e nos modos de ver e sentir. E, mais ainda, esses escritos grávidos de vida, solicitam também a reabertura de todo um campo de experimentação, criação e expressão de novos valores e possibilidades de existir. Isto é, convidam os leitores a criarem suas próprias avaliações, suas próprias lentes, regras, limites e medidas. Estimulam os leitores, enfim, a serem mestres na arte de conduzir suas próprias existências.

Entre os livros de Nietzsche, *A Gaia Ciência* talvez seja a obra mais grávida de promessas e de novas esperanças no exercício de uma configuração outra do sujeito ético, além da *moral do rebanho* e dos desejos do maior número. *Zaratustra* aparece pela primeira vez,¹ assim como o louco que anuncia a “morte de Deus”² e o espírito que pronuncia o dilema do eterno retorno.³ *A Gaia Ciência* partejou *Zaratustra* e as ideias-força que ocuparam Nietzsche na sua última fase até a famosa “crise de Turim” (janeiro de 1889) que interrompeu a sua aventura filosófica. Mas *A Gaia Ciência* não é apenas a antessala de *Zaratustra*. Ela registra em pormenores a árdua tarefa que Nietzsche se impôs de autodomínio, de conhecimento e transfiguração de si. O momento em que o filósofo, numa máxima tensão, encontra o seu próprio caminho, a sua maneira de filosofar e dizer sim à vida; de *tornar-se aquilo que se é*, como diz uma de suas máximas mais conhecidas.

O livro escrito entre junho de 1881 e agosto de 1882 ocupa, segundo o tradutor Paulo César de Souza, um lugar

Dançar no dorso da ondas

ímpar: “faz parte do que convencionalmente é chamado ‘período positivista’, inaugurado com *Humano, demasiado humano* (1878), e ao mesmo tempo traz intuições e questões que caracterizam a derradeira postura do autor, o seu ‘perspectivismo”⁴. Aos 37 anos, o filósofo vivia a transição. Mudava de pele, convalescia ao se tornar o médico de si, examinando os impulsos e afetos que moldavam o seu jeito de pensar, de avaliar e de governar a si mesmo. É por esta razão que a própria história da criação do livro torna-se bela e instigante: trata-se da conquista de uma certa maestria na arte de viver e que deveria ser partilhada com discípulos e leitores.

Em junho de 1881, Nietzsche publica *Aurora — reflexões sobre os preconceitos morais*, e, no entanto, já escrevia a continuação desse livro, que segundo o plano original, teria cinco capítulos que encerrariam a crítica à problemática da moral. Em agosto de 1881, Nietzsche caminhava em torno do lago de Silvaplana quando viveu a experiência na qual lhe foi revelado o pensamento do “eterno retorno”. Ele descreve, anos depois, esse momento inspirador que o arrebatou às margens do lago gelado: “Um êxtase cuja tremenda tensão desata-se por vezes em torrente de lágrimas; um completo estar fora de si, com claríssima consciência de um sem-número de delicados tremores e calafrios que chegam aos dedos dos pés”⁵. Após essa celebração e êxtase dos músculos, dos órgãos, de todo o corpo que vibra e cria, Nietzsche adocece mais uma vez.

Dor, enfermidade, prostração. No mês de setembro do mesmo ano, ele lamenta ao amigo Franz Overbeck: “A dor derrota a vida e a vontade. Ah, que meses, que verão eu passei. (...) Por cinco vezes convoquei a morte como meu médico. (...) Onde nesta terra existe um céu e alegria

duradoura, o meu céu?”⁶ O céu ficaria mais cinza e denso com os ventos do inverno na montanha, seis mil pés acima do nível do mar. Mesmo com a saúde frágil, Nietzsche partiu, o destino seria a “calma e graciosa baía de Rapallo, não longe de Gênova”.⁷

Uma súbita e inesperada melhora de saúde na *riviera* italiana permite Nietzsche pôr o pensamento para andar. E isso era fundamental, pois não dava crédito a um pensamento que não fosse parido “ao ar livre, de movimentos livres — no qual também os músculos festejem”.⁸ Pela manhã, abandonava o albergue à beira-mar e se dirigia “ao magnífico caminho para Zoagli, até o alto, passando por pinheiros e avistando vasta porção de mar; à tarde, quando a saúde o permitia, contornava toda a baía de Santa Margherita até Porto Fino”.⁹ Nessas andanças sob o sol, Nietzsche compartilhou segredos com o mar e experimentou em seu corpo a serena alegria da convalescência. “Tivemos bom tempo — escreve em uma carta datada a 18 de novembro de 1881 —, e no total nunca vivi coisa melhor. Todas as tardes me sento diante do mar. Pela ausência de nuvens minha cabeça fica livre e eu cheio de bons pensamentos”.¹⁰ Os bons e belos pensamentos sobre a moral, a vontade de conhecimento, a história, a política e a vida foram organizados em três capítulos finalizados em janeiro de 1882.

Esses três capítulos (ou *Livros*, como Nietzsche os chama, seguindo a tradição dos antigos), deveriam, segundo o filósofo Jörg Salaquarda, “consistir no coroado encerramento de sua ‘filosofia dos espíritos livres’. De acordo com esse plano, ele quis desenvolver o pensamento do eterno retorno nos livros 4 e 5 e explicitar sua significação e função para um pensar futuro”.¹¹ Salaquarda é o autor de uma mi-

Dançar no dorso da ondas

nuciosa e surpreendente análise que toma como plataforma de interpretação as provas tipográficas de *A Gaia Ciência*, sobre as quais Nietzsche se debruçou para fazer as correções e os aperfeiçoamentos estilísticos. Nesse texto, o professor da Universidade de Viena afirma que Nietzsche, no final de janeiro, deixou de lado o manuscrito, pois não sabia ainda como avançar, como dimensionar as implicações e os desdobramentos daquela inspirada intuição vivida às margens no lago de Silvaplana. Isso significaria dizer que Nietzsche ainda não sabia como comunicar e compor aquele que seria o “mais esotérico dos mistérios”, para usar aqui a expressão de Oswaldo Giacoia, o pensamento do eterno retorno.

Não se sentindo suficientemente maduro para expressar os principais elementos de seu achado, Nietzsche se dedica a compor poemas nos meses de fevereiro e março. Posteriormente, 63 deles serão selecionados e reunidos sob o título *Brincadeira, Astúcia e Vingança — Prelúdio em rimas alemãs*. Esta coletânea de poemas e epigramas serviu como prólogo da primeira edição de *A Gaia Ciência*, publicada no final de julho de 1882, custeada pelo próprio autor. Entre os poemas há alguns que são diretamente dirigidos aos leitores, como que convocando-os e alertando sobre quem é a voz que canta e fala. No poema *Ecce Homo* (que mais tarde seria o título de sua autobiografia), por exemplo, Nietzsche esboça o seu retrato: “Sim, eu sei de onde sou!/ Insaciável como o fogo/ Eu ardo e me consumo./ Tudo o que toco vira flama/ E tudo o que deixo, carvão:/ Sou fogo, não há dúvida”.¹² Um outro poema diz: “Se me explico, me implico:/ Não posso a mim mesmo interpretar./ Mas quem seguir sempre o seu próprio caminho/ Minha imagem a uma luz mais clara também levará”.¹³ Ao leitor, ele escreve, “Se der conta de meu livro,/ Certamente se dará comigo!”¹⁴; mas antes há o aviso: “Jamais imitei algo de alguém/ E

ri de todo mestre/ Que nunca riu de si também”.¹⁵ Os exemplos dessa voz pessoal que se dirige diretamente para o coração do leitor/discípulo se multiplicam nesse prelúdio em rimas. Num tom de brincadeira e de traquinagem, Nietzsche se apresenta como mestre e idealiza o seu leitor, aquele que seria capaz de transformar a sua própria experiência em reflexão filosófica.

Enquanto lapidava poemas e epigramas, Nietzsche recebeu a visita de seu amigo Paul Rée. Neste final de inverno ensolarado, os amigos perambularam pelas margens do golfo de Gênova e chegaram à região de Provença, onde Rée dilapidou grande soma de dinheiro nos cassinos de Mônaco. Não se sabe ao certo quando é que Nietzsche decidiu batizar o novo livro que preparava. Mas essa viagem pelo sul da França deve ter colaborado na decisão, já que a expressão “*gaia scienza*” era usada pelos trovadores provençais para designarem a sua arte. Gaia era o nome da deusa que, na mitologia dos antigos romanos, representava a Terra. Como afirma o pesquisador José D’Assunção Barros: “A palavra, transformada em adjetivo passaria a ter significados como ‘mundano’ (no sentido de inserido no mundo), mas também ‘alegre’, ‘intensamente vivo’, ‘plenamente livre’. Um pouco de cada um desses sentidos aparece na incorporação do adjetivo ‘gaia’ à palavra ‘ciência’, para designar a arte poética dos trovadores (séculos XII a XIV). *A Gaia Ciência*, portanto, é entendida como o ‘alegre saber’ inteiramente dedicado à capacidade de viver intensamente, ao envolvimento amoroso, à exaltação da natureza, à experiência da verdadeira liberdade e, sobretudo, à fina arte de tecer versos e fazer da própria vida individual, ela mesma, uma obra de arte”.¹⁶

Dançar no dorso da ondas

Claridade, céu limpo, mar liso e saúde mediterrânea. Nietzsche parece viver seus dias de poeta-cavaleiro, de andarilho ao meio-dia: seu corpo não projeta sombra alguma. Nada do que caracterizaria a alma alemã, “galerias e corredores, cavernas, esconderijos e masmorras”¹⁷ úmidas e sombrias, tem vez neste luminoso período em que Nietzsche experimenta o retorno à saúde, a gratidão do convalescente. Nesta atmosfera, é difícil imaginar que o filósofo tenha se mantido insensível às vibrações e vozes dos antigos trovadores que cantavam a vida livre, intensa e bela.

E quando chega a primavera de 1882, os amigos voltam para Gênova onde se despedem. Paul Rée segue para Roma e Nietzsche resolve embarcar num navio de carga rumo ao sul, para surpresa de seus amigos e familiares. Nesta época do ano, ele costumava ir para as montanhas em busca de um clima mais adequado ao seu corpo. Mas ele vai em busca de mais sol, calor e claridade; vai para Messina, Sicília. “Para lá — eu *quero* ir; e doravante/ Confio em mim e no meu pulso./ Aberto se estende o mar, e para o azul/ Lança-se o meu navio genovês”.¹⁸ Esses versos do poema *Rumo a novos mares*, escritos nessa temporada em Messina, talvez expressem o estado de ânimo do filósofo tomado pelo ímpeto da descoberta, tal como Colombo, o mais famoso navegador parido pelo golfo de Gênova. Num outro poema intitulado *No Sul*, os pensamentos já não caminham, eles aprenderam a voar: “Andar passo a passo não é vida,/ Pé ante pé torna alemão e pesado./ Eu pedi ao vento que me alçasse,/ Aprendi com os pássaros a planar —/ Voei para o Sul, por sobre o mar”.¹⁹

Durante quatro semanas, o filósofo perambulou pela ilha onde escreveu uma série de poemas que foram reunidos e publicados na segunda edição de *A Gaia Ciência*

(1886) com o título “Canções do Príncipe *Vogelfrei*” [fora-da-lei]. Foi expulso de lá pelo siroco, vento quente, muito seco vindo do deserto do Saara que atinge o sul da Itália durante a primavera e o verão. Da Sicília, Nietzsche parte para Roma, onde Paul Rée o esperava para lhe apresentar uma jovem russa que ele conhecera na casa da baronesa Malwida von Meysenbug, velha amiga de Nietzsche.

No final de abril, o filósofo chega à capital italiana e, na catedral de São Pedro, acontece o primeiro encontro com a jovem Lou-Andreas Salomé. Vinte anos de idade, doente dos pulmões, Lou abandonara os estudos e a cidade de Zurique à procura, por recomendação médica, de um clima mais apropriado para o seu tratamento. Logo no segundo encontro, Nietzsche pede Lou em casamento. Ela tem outros planos e faz a proposta: que fossem morar juntos ela, Nietzsche e Paul Rée (por decência, a mãe de Rée ou de Lou deveria completar o grupo). A recusa de Salomé não impediu que o trio viajasse junto rumo a Zurique. No começo de maio, alcançam a cidade de Lucerna, onde os três tiram aquela divertida foto em que Lou conduz uma charrete, com um chicote na mão, puxada por Nietzsche e Rée. Nesta cidade suíça, foi feito o segundo pedido de casamento. Em Zurique, o grupo se separa, Nietzsche se dirige para Naumburg, cidade de sua mãe. Fica marcado um novo encontro que aconteceria no início do verão, em julho.

Esse encontro com Lou-Andreas Salomé precipita o nascimento de *A Gaia Ciência*. Nietzsche reconheceu em Salomé a sua discípula ideal e herdeira espiritual, como escreve em uma carta, na qual tenta desfazer a impressão de que ele gostaria de transformá-la em sua secretária: “Até aqui jamais pensei em fazer você ‘ler alto ou escrever’ para mim; mas desejei muito poder ser seu mestre. Para dizer a

verdade toda: procuro pessoas que possam ser meus herdeiros; trago comigo algumas coisas que não se podem ler em meus livros — e para isso procuro a terra mais bela e mais fecunda”.²⁰ E para colocar a discípula a par de sua filosofia, Nietzsche resolveu reunir os apontamentos que tinha à mão finalizados em janeiro, e dar um novo destino às notas que escavavam as diversas camadas do pensamento sobre o eterno retorno. Como explica Jörg Salaquarda, a partir do encontro com Lou Salomé, o livro ganha uma nova configuração e disposição: “Para os livros 1-3, tomou no essencial as versões já prontas desde o final de janeiro. Das anotações para os livros 4 e 5, ele eliminou quase todas as alusões *ao pensamento do eterno retorno*, de cuja apresentação ele ainda não se julgava capaz. Nessa concepção, dos dois livros anteriormente planejados resultou apenas um, que se diferenciava dos três outros menos tematicamente, do que sobretudo na *disposição* fundamental subjacente”.²¹

Em outros termos, o livro IV, escrito apressadamente por Nietzsche e “destinado” a sua discípula, é tomado por um outro estado de espírito e ânimo. Nietzsche encontrou uma dicção, uma voz diferente nesse percurso entre a Provença e as terras fecundas e belas de Lou Salomé. Como observa Salaquarda em referência ao *Prelúdio em rimas* e ao livro IV, “Nietzsche estava a caminho de uma forma muito pessoal de comunicação”.²² No quarto livro, intitulado *Sanctus Januarius*, era um mestre na arte de viver que se expressava com a mesma desenvoltura e graça das antigas escolas filosóficas. Esse mestre era o próprio Nietzsche. E era a sua vida singular, o objeto de um saber e de uma arte que ganhava a forma de um alegre saber, de uma reflexão que incitava os indivíduos a experimentarem uma vida livre da “moral do rebanho”.

Para Nietzsche — de acordo com a análise de Salavarda —, a função de mestre “impõe a seu portador a obrigação de exprimir inequivocamente a ‘moral’ pessoal, para que os potenciais ‘discípulos’ saibam a que estão se entregando quando seguem um tal ‘mestre’. (...) Tornando mestre por meio da experiência do *pensamento do eterno retorno*, tendo diante dos olhos, na pessoa de Lou Salomé, uma discípula potencial, ele se esforça até o fim para, em sua mais recente publicação, expor tão claramente quanto possível aquilo contra ou a favor do que ele se colocava”.²³ Daí a razão de Nietzsche considerar *A Gaia Ciência* o mais pessoal de seus livros. E, pelas cartas que o filósofo enviou para os amigos junto com a mais recente publicação, é possível perceber a importância que deu a esse experimento literário no qual ele revelava e partilhava não só seus pensamentos, mas também fragmentos de sua vida. Ele estava particularmente interessado na recepção dos escritos nos quais se apresenta como mestre, isto é, nos poemas do *Prelúdio em rimas* e nos aforismos do quarto capítulo. Ao presentear o venerado amigo Jacob Burckhardt, fez o pedido: “eu gostaria especialmente que o senhor pudesse ler o *Sanctus Januarius* (livro IV) no contexto, para saber se ele, como um todo, *se comunica*. — E meus versos?”²⁴ Para o amigo e colaborador Peter Gast, Nietzsche repetiu o pedido enfatizando o mesmo ponto: “Faça algumas considerações (...) sobre o todo e a inteira disposição: comunica-se ela efetivamente? Particularmente: *Sanctus Januarius* é, em geral, compreensível?”²⁵

No momento final da redação e revisão do livro IV, em julho de 1882, Nietzsche se encontrava em uma pequena cidade chamada Tautenburg, no centro da Alemanha. Lou Salomé se dirigiu para lá. Todas as manhãs os dois caminhavam e conversavam sem parar: “Nessas três semanas

Dançar no dorso da ondas

praticamente nos matamos de tanto falar — rememora Lou. Estranho como involuntariamente nesses diálogos chegamos à beira de abismos, aqueles lugares de vertigem onde subimos solitários para contemplar a profundidade. Sempre escolhemos a trilha das cabras e se alguém nos tivesse escutado pensaria que éramos dois demônios conversando”.²⁶ O capítulo escrito nessa atmosfera de intensa euforia e, até mesmo, de um envolvimento amoroso que ligava o mestre à discípula, intrigava o próprio autor. Será que comunica? Essa era a pergunta de Nietzsche a seus interlocutores.

Essa questão está ligada aos dois aforismos que encerram o capítulo *Sanctus Januarius*. Neles, surgem pela primeira vez o problema do eterno retorno (“Você quer esta vida, como você está vivendo e já viveu, mais uma vez e por incontáveis vezes?”²⁷) e a descida de Zarathustra das montanhas²⁸ que, segundo a observação de Oswaldo Giacoia, “já contém, em grande parte literalmente, os primeiros lineamentos do prólogo do livro *Assim falou Zarathustra*”,²⁹ escrito em fevereiro de 1883. Pelo fato dessas criações serem fundamentais para Nietzsche, não seria incorreto interpretar, assim como fazem Giacoia e Salaquarda, *A Gaia Ciência* como um livro estruturado para conduzir o leitor “ritmicamente num crescendo até a região espiritual de atmosfera rarefeita, onde enuncia a seu discípulo ideal a quintessência de sua doutrina”.³⁰ Por outro lado, o livro cumpriria também uma outra finalidade: condensar os principais elementos da sua “filosofia dos espíritos livres”, o alegre saber dos indivíduos aptos a transfigurarem a existência numa obra de arte. E, para realizar esta tarefa, Nietzsche reflete e escreve sobre a sua própria vivência a fim de delinear os traços mais decisivos de sua arte de viver.

Se considerarmos, como o faz o ensaísta Wilhelm Schmid, *A Gaia Ciência* como “o livro nietzschiano da arte de viver”,³¹ o quarto capítulo poderia ser apreciado como uma galeria onde antigas obras são revisitadas, reverenciadas e, finalmente, transformadas pelo olhar e o viver de um jovem mestre que ambiciona tornar-se o que se é. O primeiro texto de *Sanctus Januarius* é a expressão de um desejo e, ao mesmo tempo, a afirmação de um princípio prático de bem viver: “*Amor fati* [amor ao destino]: seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feio. (...) Que a minha única negação seja *desviar o olhar!* E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim!”³² Alguém que afirme sua própria existência — sem hostilizar o feio e o mesquinho —, teria necessariamente alma de poeta e a paciência de cientista: “*Nós* queremos ser os poetas-autores de nossas vidas, principiando pelas coisas mínimas e cotidianas”;³³ “*Nós* queremos examinar nossas vivências de modo rigoroso como se faz uma experiência científica, hora a hora e dia a dia! Queremos ser nossos experimentos e nossas cobaias”.³⁴

Para afirmar plenamente a vida, a filosofia nietzschiana da arte de viver exige, portanto, rigor na observação e experimentação da própria vivência e capacidade de invenção de si mesmo. Essa vontade só ganha corpo quando o conhecimento deixa de ser uma atividade impessoal, ou senão, via de acesso para a tranquilização, repouso e acomodação do espírito. “*A vida como meio de conhecimento*’ — com esse princípio no coração pode-se não apenas viver valentemente, mas até *viver e rir alegremente!*”³⁵ O conhecimento, configurado desta maneira, torna-se perigoso, algo arriscado, pois é a própria vida, a reputação, a sanidade, o anseio de glória, os temores, as hesitações que

Dançar no dorso da ondas

entram em cena exigindo o seu destino, o seu lugar ao sol na arena do pensamento.

Transformar a existência em meio de conhecimento impõe ao sujeito um certo desembaraço, um certo desapego daquilo que já foi conquistado e pensado. Há que se ter coragem para mudar de opinião, para desdizer o que foi dito, para abandonar os hábitos adquiridos, voluntariamente ou não. De tempos em tempos, há que se lançar o navio genovês em mares bravios e desconhecidos. Colocando-se como exemplo, Nietzsche afirma: “Eu amo os hábitos breves e os considero o meio inestimável de vir a conhecer muitas coisas e estados. (...) Acredito sempre que *tal coisa* me satisfará permanentemente. (...) E um dia o seu tempo acabou: a coisa boa separa-se de mim, não como algo que me repugna — mas pacificamente e de mim saciada tal como eu dela, e como se nos devêssemos gratidão mútua, estendendo-nos a mão em despedida. E algo novo já espera na porta. Assim é com alimentos, pessoas, ideias, cidades, poemas, peças musicais, doutrinas, programa do dia, modo de vida”.³⁶

Despedir-se da coisa já pensada, da coisa já vivida e das inúmeras tentativas na arte de conduzir a vida com gratidão, boa consciência, benquerença e estima. Deixar ir e se distanciar sem rancor, culpa ou vergonha, pois “foi a sua vida que matou para você aquela [antiga] opinião, não sua razão: *você não precisa mais dela*”.³⁷ São os novos impulsos e afetos que tensionam a alma e querem transbordar e se afirmar em um novo fluxo de pensamento. Num dos mais belos aforismos do livro, o filósofo observa o jogo entre as ondas e as falésias e capta na cena o desejo sempre renovado da vontade de conhecer, que não cessa, que não para de criar desassossegos: “Com que avidez esta onda se

aproxima, como se houvesse algo a atingir! Com que pressa aterradora se insinua pelos mais íntimos cantos das falésias! É como se quisesse chegar antes de alguém; como se ali se ocultasse algo que tem valor, muito valor. — E agora ela recua, um tanto mais devagar, ainda branca de agitação — estará desiludida? Terá encontrado o que buscava? Toma um ar desiludido? — Mas logo vem outra onda, ainda mais ávida e bravia que a primeira, e também sua alma parece cheia de segredos e do apetite de desencavar tesouros. Assim vivem as ondas — assim vivemos nós, seres que têm vontade!”³⁸

O sujeito ético do conhecimento, este que toma a própria vida como um experimento, precisa também estar descolado da moral do rebanho que honra e premia os imutáveis, os invariáveis, os sempre os mesmos, que não mudam de pele e nem de opinião, daí a impressão geral de que são “confiáveis”. Essa força — que transforma o sujeito do conhecimento em um dedicado especialista que se “aprofunda” em seu objeto de pesquisa — condena e difama “a disposição que tem o homem do conhecimento para, de maneira intrépida, declarar-se a qualquer momento *contra* a sua opinião prévia e ser desconfiado em relação a tudo o que em nós quer se tornar sólido”.³⁹ Deixar de ser um sujeito confiável, útil e previsível, de acordo com as regras e as percepções da maioria, isto é, “ser capaz de contradizer, ter *boa consciência* ao hostilizar o habitual, o tradicional e o consagrado — é o maior dos passos do espírito liberto”.⁴⁰ Um passo em direção à afirmação de uma vida e de um pensamento singulares; sem demasiado apego a uma verdade que paralisa e acomoda-se em um determinado modo de vida domesticado e seguro.

O caminho do “Sim” da *Gaia Ciência* requer, portanto, rigor e paciência de cientista, vontade de experimentação e coragem para se despedir com gratidão dos antigos hábitos, opiniões e ideais consagrados pelo rebanho. E para

Dançar no dorso da ondas

seguir essa difícil trilha sem cair nos abismos do rancor, do ressentimento, da impotência ou da acomodação, é preciso saber como *desviar o olhar* do que é feio, como se esquivar das forças que prendem e limitam o experimento e a criação de si. Temos que aprender com os artistas, afirma o filósofo, como tornar as coisas belas e atraentes quando elas não o são: “Afastarmo-nos das coisas até que não mais vejamos muita coisa delas (...) — ou ver as coisas de soslaio e como que em recorte — ou dispô-las de tal forma que elas encubram parcialmente umas às outras e permitam somente vislumbres em perspectivas — ou contemplá-las por um vidro colorido ou à luz do poente”.⁴¹ Impor uma distância, transfigurar o olhar, modificar a perspectiva de avaliação, deslocar o ponto de vista, criar ilusões; todas essas atividades e artifícios dos artistas são úteis para evitar que a existência se transforme tão somente num campo de batalha (perdida) ao feio, ao asqueroso, ao repulsivo que também compõem a vida de todo o dia.

Desviar o olhar é também “deixar de lado” tudo o que é secundário e que não estimula a ação. Nietzsche, explicitando seus prós e contras, indica como se exercita essa atividade de autodefesa: “No fundo, tenho aversão a todas essas morais que dizem: ‘Não faça isto!’, ‘Renuncie!’, ‘Supere a si mesmo!’ — mas tenho em boa conta as morais que me impelem a fazer algo e a refazê-lo; e em nada pensar senão em fazê-lo *bem*, tão bem como somente *eu* posso fazê-lo! Quem vive assim, separa-se continuamente de cada coisa que não participa de tal vida: é sem ódio e repulsa que ele vê despedir-se hoje isso, amanhã aquilo (...) ou ele nem vê que se despedem, tão rigorosamente o seu olhar se volta para meta. (...) ‘Nosso fazer deve determinar o que deixamos de lado: ao fazer, deixamos de lado’ — assim que eu gosto, assim diz o meu *placitum*

[princípio]”.⁴² Conquistar uma tal seriedade e concentração no fazer, as mesmas que animam a criança que brinca, é uma forma de zelo e asseio que evita a perda de tempo e de energia vital com as mesquinhas ou “grandes tarefas” do rebanho. Estar focado na meta, isto é, na composição e atribuição de um estilo ao caráter, impede que o sujeito ético do conhecimento se desvie de sua própria jornada, atraído por uma gama infinita de estímulos, apelos e ace- nos de glória concedida pela maioria.

É preciso deixar de lado, inclusive, a pretensão de “me- lhorar a humanidade”, de corrigi-la seja através do castigo ou de outra forma de repreensão qualquer. “Raramente mudamos um indivíduo. (...) Elevemos tanto mais a nós mesmos! Obscureçamos o outro com a nossa luz! Não queremos ficar *obscuros* por sua causa, como todos os que castigam e não se satisfazem! É melhor que nos afaste- mos. Desviem o olhar!”⁴³ Que os mortos cuidem de seus mortos, que os ressentidos encontrem seus venenos, que os remediados se distraiam com seus consolos, que o re- banho paste em campos verdejantes. É preciso saber dei- xar de lado porque a compaixão é, segundo os termos de Nietzsche, *o maior dos perigos*. A todo momento o sujeito é solicitado a participar, a pôr mão na consciência e fazer parte da corrente do bem; “raramente o nosso olhar pousa em algo que não solicite um instante que abandonemos nossas coisas para lhe acudir”.⁴⁴

Os que pregam a compaixão não toleram o trabalho de si sobre si mesmo, empreendido pelo sujeito ético. Difamam-no ao nomeá-lo de “egoísmo”, em benefício da moral, dos ideais e das necessidades do grande número que, em síntese, anseia por uma felicidade banalizada. Nas palavras de Nietzsche: “O que eles gostariam de perseguir

Dançar no dorso da ondas

com todas as forças é a universal felicidade do rebanho em pasto verde, com segurança, ausência de perigo, bem-estar e facilidade para todos; suas duas doutrinas e cantigas mais lembradas são ‘igualdade de direitos’ e ‘compaixão pelos que sofrem’ — e o sofrimento mesmo é visto por eles como algo que se deve abolir”.⁴⁵ Como se fosse possível ao indivíduo, povo ou nação conquistar seu próprio horizonte e caminho sem conhecer e compor com as cores da aflição e da dor.

E, por fim, na arte de desviar o olhar, de encontrar uma justa distância artística, é preciso, também, colocar a si mesmo em perspectiva. Este exercício é uma espécie de antídoto ao excesso de seriedade, de gravidade, de peso que implica todo esse processo de autoconhecimento e experimentação de si. Que o autodomínio não se metamorfoseie em algo rígido demais a ponto de transformar o sujeito ético do conhecimento em algo parecido a um “espantalho moral”. Isto é, o indivíduo constantemente irritado que age sempre como se o seu autodomínio corresse perigo: “ele não pode mais confiar-se a nenhum instinto e fica permanentemente em atitude de defesa. (...) Sim, ele pode tornar-se *grande* desse modo! Mas como ficou insuportável para com os outros, difícil para si mesmo, e afastado das mais belas causalidades da alma! E também de toda nova *instrução*! Pois é preciso saber ocasionalmente perder-se quando queremos aprender algo das coisas que nós próprios não somos”.⁴⁶

O aforismo 107, “Nossa derradeira gratidão para com a arte” — reescrito no momento em que Nietzsche finalizava o quarto capítulo —, é ainda mais explícito e incisivo nessa questão de colocar a si mesmo em perspectiva. A passagem é bem conhecida, mas o prazer de citá-la é sempre renovado: “Ocasionalmente precisamos descansar de nós

mesmo, olhando-nos de cima e de longe e, de uma artística distância, rindo de nós ou chorando por nós; precisamos descobrir o *herói* e também o *tolo* que há em nossa paixão do conhecimento, precisamos nos alegrar com a nossa estupidez de vez em quando, para poder continuar nos alegrando com a nossa sabedoria!”⁴⁷ É o poeta, o trovador, o pícaro que mora no sujeito do conhecimento que o chama para dançar na proa do navio em meio à tempestade no alto-mar. Entre os argonautas vislumbrados por Nietzsche, não há sintoma maior de saúde, de transbordante saúde, do que este saltitante apelo do poeta.

Céu limpo, claridade mediterrânea, rumo ao Sul; a saúde que retorna, os tremores de um *insight* inaudito, o envolvimento amoroso, a jovem discípula... A filosofia nietzschiana da arte de viver, inscrita em *A Gaia Ciência*, ou mais precisamente no capítulo *Sanctus Januarius*, abarca todas essas experiências de um espírito livre, mutante e nômade. São vivências singulares de um corpo que vibra tão intensamente que parece querer produzir uma luz própria — o seu próprio sol, o seu próprio *self* luminoso. Para Nietzsche, neste período, toda essa luminosidade tinha um nome, *Zarathustra*. Coube a ele, ao “filho de Nietzsche”, segundo a expressão de Salaquarda, a tarefa de encenar a partir de sua própria *experiência*, o enigma do eterno retorno e o nascimento do “Além-do-Homem”, como um novo ideal que problematiza e responde a uma visão de mundo fundada em um deus cristão. Muito do que Nietzsche pensou e escreveu em *A Gaia Ciência* talvez tenha ficado de lado com o surgimento de *Zarathustra*, escrito ao qual ele dedicou dois anos de sua vida. Alguns temas foram retomados em livros posteriores, outros simplesmente esquecidos, porque a vida, o céu, o *self* do filósofo já eram outros. Assim vivem as ondas — assim vivem os que dançam no dorso das ondas...

Notas

¹ Friedrich Nietzsche. “Incipit tragoedia” in *A Gaia Ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2001, p. 231 (N.E.)

² Idem, “O insensato”, p. 147. (N.E.)

³ Ibidem, “Sanctus Januarius”, p. 230. (N.E.)

⁴ Além disso, o livro tal como se lê atualmente é resultado de uma reunião de textos escritos em diferentes momentos. Na primeira edição, agosto de 1882, constava apenas os quatro capítulos e os poemas reunidos sob o título *Brincadeira, Astúcia e Vingança*. Cinco anos se passam e Nietzsche volta a se debruçar sobre *A Gaia Ciência*, quando ele organiza a segunda e definitiva edição. Após ter parido *Zaratustra* e em meio às pesquisas e reflexões de *Além do bem e do mal* (1886), Nietzsche escreve e acrescenta ao volume o prefácio, um quinto capítulo (*Nós, os impávidos*) e um apêndice com novos poemas. Paulo César de Souza. “Pósfácio” in Friedrich Nietzsche, 2001, op. cit., p. 334.

⁵ Friedrich Nietzsche. *Ecce Homo, como alguém se torna o que é*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 1995, p. 86.

⁶ Friedrich Nietzsche *apud* Rüdiger Safranski. *Nietzsche, biografia de uma tragédia*. Tradução de Lya Lett Luft. São Paulo, Geração Editorial, 2001, p. 214.

⁷ Friedrich Nietzsche, 1995, op. cit., p. 83.

⁸ Idem, p. 38.

⁹ Ibidem, p. 83.

¹⁰ Friedrich Nietzsche *apud* Rüdiger Safranski, 2001, op. cit., p. 334.

¹¹ Jörg Salaquarda. “A última fase de surgimento de *A Gaia Ciência*”. Tradução de Oswaldo Giacoia Junior e Barbara Salaquarda in *Cadernos Nietzsche*, n. 6, 1999, pp. 75-93. Disponível em: http://www.fflch.usp.br/df/gen/pdf/cn_06_05.pdf (acesso em: 6/2/10).

¹² Friedrich Nietzsche, 2001, op. cit., p. 49.

¹³ Idem, p. 27.

¹⁴ Ibidem, p. 43.

¹⁵ Ibidem, p. 5.

¹⁶ José D'Assunção Barros. "A gaia ciência dos trovadores medievais" in *Revista de Ciências Humanas*, vol. 41, n. 1 e 2. Florianópolis, EDUFSC, abril e outubro de 2007, p. 83.

¹⁷ Friedrich Nietzsche. *Além do Bem e do Mal: Prelúdio a uma Filosofia do Futuro*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 1992, p. 244.

¹⁸ Friedrich Nietzsche, 2001, op. cit., p. 309.

¹⁹ Idem, p. 295.

²⁰ Friedrich Nietzsche *apud* Rüdiger Safranski, 2001, op. cit., p. 231.

²¹ Jörg Salauarda, 1999, op. cit., p. 77.

²² Idem.

²³ Ibidem, p. 89.

²⁴ Friedrich Nietzsche *apud* Ibidem, p. 78.

²⁵ Ibidem.

²⁶ Lou-Andreas Salomé *apud* Rüdiger Safranski, 2001, op. cit., p. 232.

²⁷ Friedrich Nietzsche, 2001, op.cit., p. 230.

²⁸ Idem, p. 231.

²⁹ Oswaldo Giacoia Junior. "O caos e a estrela" in *Revista Impulso*, vol. 12, nº. 28. Piracicaba, Editora UNIMEP, 2001, p. 12.

³⁰ Idem, p. 12.

³¹ Wilhelm Schmid. "Dar forma a nós mesmos: sobre a filosofia da arte de viver em Nietzsche". Tradução de Alexandre Alves in *Verve*, vol. 12. São Paulo, Nu-Sol/PUC-SP, 2007, p. 52.

³² Friedrich Nietzsche, 2001, op. cit., p. 189.

³³ Idem, p. 202.

³⁴ Ibidem, p. 231.

³⁵ Ibidem, p. 281.

³⁶ Ibidem, p. 200.

³⁷ Ibidem, p. 208.

³⁸ Ibidem, p. 209.

Dançar no dorso da ondas

³⁹ Ibidem, p. 201.

⁴⁰ Ibidem, p. 202.

⁴¹ Ibidem, p. 299.

⁴² Ibidem, p. 206.

⁴³ Ibidem, p. 214.

⁴⁴ Ibidem, p. 227.

⁴⁵ Friedrich Nietzsche, 1992, op. cit., p. 48.

⁴⁶ Friedrich Nietzsche, 2001, op. cit., p. 207.

⁴⁷ Friedrich Nietzsche, 1992, op. cit., p. 133.

Resumo

*Este artigo analisa o período em que Nietzsche se dedica a escrever o livro *A Gaia Ciência*. Por meio das informações biográficas, dos textos e poemas dessa obra pretende-se delinear alguns traços da filosofia da arte de viver de Nietzsche.*

palavras-chaves: arte de viver, Nietzsche, experimentação.

Abstract

*This article examines the period in which Nietzsche wrote the book *The Gay Science*. Through the biographical information, the texts and poems that work is intended to outline some features of the philosophy of art of living of Nietzsche.*

keywords: art of living, Nietzsche, experimentation.

Recebido para publicação em 10 de setembro de 2009. Confirmado em 28 de maio de 2010.